S. M. A RAINHA D. MARIA DE SABOYA

Pela terceira vez se inscreve no catalogo das rainhas de Portugal o nome de uma princeza da casa de Saboya.

Data do seculo XI a soberania d'esta nobilissima casa; e logo no seguinte, o fundador da monarchia portugueza sentava a seu lado, no throno por elle conquistado, a filha de Amadeu III.

O esplendor que cercava então a corte de Affonso Henriques, um dos maiores guerreiros do seu tempo, foi realçado pela presença da rainha D. Mafalda, de cujas virtudes e piedade dão testimunho as memorias contemporaneas, e nos attestam ainda as fundações religiosas e hospitalarias devidas á sua caritativa munificencia.

Este matrimonio assegurou a successão e independencia da monarchia, na gloriosa prole que deu á coroa de Portugal um soberano que soube proseguir nas conquistas encetadas por seu valoroso pae, tomando aos moiros muitos castellos e cidades que ainda occupavam, reparando solicito os estragos da guerra, com a fundação de muitas villas, cultura dos campos, e augmento da povoação, com tal empenho, que a historia lhe conferiu o honroso cognome por que é designado na serie dos nossos reis, de D. Sancho I, o Povoador.

Do consorcio de D. Affonso Henriques com a rainha D. Mafalda de Saboya, nasceram tambem as infantas que tiveram por maridos, D. Fernando II de Leão, Filippe I de Flandres, e Eudo III de Borgonha.

Quatro seculos depois, e na epocha famosa em que Portugal assombrava o mundo pela ousadia das suas navegações, pelo poderio das suas armadas, pela transcendencia dos seus descobrimentos maritimos, e pela fundação do seu imperio na India, pédiu Carlos III de Saboya a el-rei D. Manuel de Portugal a mão de sua filha, a gentil infanta D. Beatriz. Concedeu-lh'a o poderoso monarcha, com um valioso dote, festejando este consorcio com a magnificencia usada na sua corte, mandando conduzir a infanta aos seus novos estados n'uma poderosa armada de trinta e quatro naus, galeões e caravellas, ricamente alfaiadas e providas, «com muita artilheria, armas e instrumentos de folgar», indo na faustosa comitiva que acompanhava a noiva, o arcebispo de Lisboa e o filho do grande Affonso de Albuquerque. [1]

Para perpetuar a memoria d'este parentesco da real casa de Saboya com aquelle potentissimo rei de Portugal, os descendentes de Carlos III e da infanta D. Beatriz tomaram o appellido de *Manuel*, que tem usado até ao actual rei de Italia, Victor Manuel, pae de S. M. a nossa augusta rainha.

Recuperada a independencia de Portugal pela revolução de 1640, e chamada á successão a casa de Bragança, o primeiro filho e herdeiro d'esta dynastia, el-rei D. Affonso VI, casou com uma princeza de Saboya, filha de Carlos Manuel, D. Maria Francisca Isabel de Nemours.

Nas cortes de Lisboa, convocadas em 1680, foi auctorisada a princeza D. Isabel, filha unica del-rei D. Pedro II, a casar com o duque de Saboya Victor Amadeu, sem que este casamento com principe estrangeiro a inhabilitasse de succeder no throno portuguez. Não se effectuou este enlace por fallecimento da princeza.

Acclamado o senhor rei D. Luiz I em 1861, quando se temia a extincção da familia real, por haver a morte sepultado em poucos dias tres irmãos do soberano, ameaçando tambem o ultimo, manifestou-se o voto nacional pelo immediato casamento do novo rei.

Abriram-se logo as negociações, mas tanto se prolongaram, com tal sigillo foram tratadas, que por muito tempo vogaram as conjecturas sobre a escolha do joven monarcha. Quando porém se soube, officialmente, que el-rei tinha elegido para sua esposa a princeza real de Italia, filha de Victor Manuel, foi geral o contentamento e applauso de toda a nação.

O enlace da neta de Carlos Alberto, fundador da liberdade de Italia, com o neto de D. Pedro IV, libertador de Portugal, não podia deixar de merecer o louvor do povo portuguez, e o consenso de todas as nações livres.

Filha de Victor Manuel e da rainha Maria Adelaide de Austria, a princeza Maria Pia de Saboya nasceu a 16 de outubro de 1847. Tinha apenas sete annos quando lhe faltaram os carinhos de sua mãe, que Deus chamou a si, compadecido das angustias que a prostraram durante a lucta dos austriacos, onde tinha os parentes mais chegados, e os italianos que amava como filhos adoptivos. Na condessa de Villamarinha, senhora de grande cultura de espirito, a quem el-rei seu pae a confiára, achou a princeza os desvelos de mãe, e d'ella recebeu a esmerada educação e prendas que a adornam. Foi esta dama que acompanhou a rainha a Portugal.

Votada pelas cortes a dotação da rainha, foi o camareiro-mór, conde da Carreira, encarregado da missão de pedir a el-rei Victor Manuel a mão de sua augusta filha, a princeza Maria Pia, para el-rei de Portugal. Teve o enviado portuguez a honra de ser recebido em audiencia solemne no paço de Turim em 3 de agosto do corrente anno; assignando-se o contrato matrimonial no dia 10.

Tanto o senado como a camara dos deputados do reino de Italia, nomearam deputações para redigir uma mensagem ao rei, congratulando-o pela alliança que havia contrahido com a casa de Bragança. A camara municipal e outras corporações populares dirigiram tambem ao soberano eguaes felicitações.

O applauso que este auspicioso consorcio mereceu em Portugal, foi não menos significativo em toda a Italia. Povo oriundo, como o nosso, da raça latina; fallando quasi a mesma lingua; combatendo sempre pelos seus fóros e independencia, como nós; tão ousados navegadores como nossos antepassados, a Italia, berço do renascimento das artes e das letras, patria do Tasso e de Christovão Colombo, bem era que se gloriasse de ver a filha do seu rei constitucional, exaltada ao throno do soberano que rege os estados que viram nascer Camões e Vasco da Gama.

Os brindes e saudações que tantas cidades da Italia enviaram á joven rainha de Portugal, patentearam esplendidamente o jubilo que este consorcio causou áquella grande nação.

Deixando, com a saudade que a terra natal inspira até aos que n'ella são menos ditosos, as praias ridentes do seu formoso paiz, a princeza real da Italia veiu encontrar na doçura do clima de Portugal o mesmo ceo que lhe estrellára o berço, o amor paterno no affecto do esposo, e no povo portuguez o mesmo acatamento e sympathia que lhe dedicaram sempre os seus conterraneos.

A 5 de outubro, as esquadrilhas portugueza e italiana, que faziam cortejo á rainha, ancoravam nas aguas do Tejo, com a mais festiva recepção de que ha memoria. No dia seguinte pisou pela primeira vez o solo da sua nova patria, indo confirmar, no historico templo de S. Domingos, os esponsaes celebrados na corte de Turim em 27 de setembro antecedente.

As manifestações do regozijo publico, que n'este e nos quatro dias seguintes houve em toda a capital, já foram summariadas em diversos numeros d'este semanario. [1]

A candura infantil, o agrado e affabilidade com que a mimosa princeza, alta e esbelta, correspondia ás

[1] Vid. o n. 31 d'este volume.

[1] Vid. os n. 31, 32, 33 e 34.

acclamações do povo, que a saudava e victoriava em todas as praças e ruas do transito, grangearam-lhe desde logo as geraes sympathias.

El-rei D. Luiz, pela elevação do seu espirito, e pelos dotes com que o exornou a severa educação que recebeu de sua virtuosa mãe, é digno da juvenil consorte que o seu coração elegeu. Ambos na edade florescente, amando-se extremosamente, ambos herdeiros de heroes, e criados ambos com exemplos da mais austera e religiosa moralidade, este tão bem fadado consorcio fará a ventura do joven monarcha, suavisando-lhe os amargores e cuidados da governação.

S. M. EL-REI D. LUIZ I

O retrato del-rei, que acompanha a sua biographia publicada a pag. 377 do vol. IV d'este semanario, descontentou tanto aos nossos artistas, como a muitos dos nossos assignantes. O empenho que temos de concorrer para o aperfeiçoamento da gravura em madeira, e corresponder ao favor com que o publico tem recebido este jornal, nos aconselhou a mandar fazer outro retrato de S. M., para opportunamente o reproduzirmos.

Achámos agora bom ensejo de o expor a par do de sua augusta esposa, a serenissima rainha D. Maria de Saboya.

Os nossos assignantes reconhecerão a difficuldade que ha de reproduzir com exacção, nos traços d'este genero de gravura, as feições de um retrato, se repararem nos que trazem os jornaes estrangeiros. Os del-rei e da rainha que publicaram ultimamente as *Illustrações* ingleza e franceza, apesar do auxilio da photographia, são inteiramente faltos de similhança.

Desculpa merecemos nós outros, se ainda não attingimos a perfeição, desprovidos dos meios que tem essas tão adiantadas publicações européas.

O retrato que hoje reproduzimos, obra do mesmo desenhador, cremos que ha de merecer a approvação que o outro não pôde alcançar.

CHRONICAS DO POVO

I

O ESCRAVO

TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO

(Vid. pag. 300)

III

O liberto que comprára Arvins era intendente de um dos patricios mais ricos de Roma. Claudio Corvino tinha herdado, havia alguns annos, sómente dois milhões de sestercios, que dissipára já na maior parte. Por isso tambem lhe citavam a casa como das mais sumptuosas que havia no monte Celio. Os pavimentos eram de marmores de Carysto, as columnas de bronze, as estatuas de marfim e os banhos de porphyro. Tinha tantas salas de banquete, ou *triclinios*, quantas as estações do anno, e os toros n'estas salas eram de citro marchetado de prata, com almofadas de pennas de cysne e estofos de seda de Babylonia. As paredes todas estavam forradas de estofos attalicos, e cortinados de purpura bordada a oiro estavam suspensos por cima das mesas dos festins.

Quando o liberto chegou com a criança a este palacio esplendido, bateu a uma porta de bronze, e o *ostiario* saíu pressurosamente do seu quarto, onde estava acorrentado ao pé de um molosso, para lhes franquear a entrada. O conductor de Arvins perguntou pelo *carthaginez*.

Era este o interprete encarregado de ensinar a linguagem aos trezentos escravos de Corvino, e de lhes transmittir as ordens em quanto elles não estavam em estado de as comprehender. Vivêra no commercio antes de ser captivo, e tendo percorrido os mares nos navios da sua nação, fallava quasi todas as linguas dos povos maritimos.

O liberto entregou-lhe o joven celta, para que lhe vestisse o trajo appropriado, e lhe communicasse as instrucções necessarias.

O *carthaginez* levou a criança para a habitação onde residiam os escravos.

— Já alguem te ensinou os teus novos deveres? — perguntou-lhe.

— Até hoje ainda não recebi lições senão de homens livres — respondeu-lhe seccamente Arvins.

O liberto sorriu-se.

— Bem se mostra que és filho d'aquelles gaulezes, que só temem que o ceo cáia. Aconselho-te, porém, a que tenhas aqui mais medo dos açoites. Deves saber primeiro, que pela tua qualidade de escravo não és *pessoa*, mas *coisa*; e que por isso o teu senhor póde dar-te o destino que melhor lhe aprouver, acorrentar-te sem motivo, mandar-te açoitar para se divertir, ou mesmo dar-te em pasto ás lampreias do seu viveiro, como Vedio Pollião.

— Use dos seus direitos — disse Arvins.

— Corvino não é mau — continuou o *carthaginez*; — é um dos elegantes de Roma, cuja principal occupação é dar cabo da sua fortuna. Levanta-se habitualmente á decima hora (quatro da tarde), para se entregar nas mãos dos escravos, que o perfumam, pintam-lhe as faces com a espuma do nitro vermelho, e esfregam-lhe a barba com o *psilotrum*, para lhe fazer cair a barba; cento e cincoenta estão aqui empregados sómente no serviço d'elle, e todos tem obrigações differentes.

— E as minhas quaes serão? — perguntou Arvins.

— Has de ser empregado na conducção dos carros — respondeu-lhe o interprete. — Segue-me, que te vou mostrar o teu imperio.

E levou o joven celta ás cocheiras, onde lhe mostrou os diversos carros que estavam recolhidos.

— Aqui tens primeiro, disse-lhe, as *petoritas*, trens de quatro rodas imitados dos germanos, e que servem para transportar provimentos ou escravos; além os *covinos*, carros cobertos em que o senhor sae quando chove. Estas carruagens ligeiras, adornadas de marfim, de tartaruga e de prata lavrada, que vês aqui á nossa direita, chamam-se *rhedas*; Corvino usa-as para os passeios do costume. A esquerda estão as liteiras guarnecidas de tapetes da Persia e de cortinas de purpura.

Arvins estava deslumbrado com tamanha magnificencia. O interprete levou-o em seguida ás cavallariças calçadas de lava, e com mangedoiras de marmore de Luna.

— As cincoenta muares que além estão, disse, servem para puxar os carros de Corvino; e os sessenta cavallos que estás vendo do outro lado, são destinados para os escravos numidas, que precedem a carruagem do senhor quando sae. Agora, que já conheces os logares, vou levar-te ao chefe das cavallariças para que te dê as suas ordens.

Arvins foi em companhia do interprete para onde estava o escravo encarregado dos trens; este fez conhecer ao *carthaginez* quaes eram as obrigações do rapazito, a quem foram transmittidas pelo lingua, o qual apenas acabou:

— Só tenho agora que te fazer uma recommendação, accrescentou; é que estejas calado sempre diante do senhor, mesmo depois de teres aprendido a lingua

latina. É tão soberbo para os escravos, que não lhes dá palavra nunca. Quando determina alguma coisa é por gestos, ou lavrando nas tabulas. Agora podes ir buscar o teu *diario*, ou ração quotidiana, e depois irás trabalhar.

Tudo quanto Arvins acabava de ver e de ouvir era para elle tão cheio de novidade, que a sua dor, se não diminuiu, suspendeu-se pelo menos; entretanto, mais admirado ficou ainda quando viu sair, no meio dos seus clientes, dos tocadores de flauta e dos sacerdotes salios, Claudio Corvino vestido com a toga de purpura, com os cabellos perfumados de cinamômo, com os braços brunidos a pedra pomes, e todos carregados de armillas e anneis engastados de pedras preciosas. Não fizera idea nunca de tão grande opulencia.

Tal era effectivamente n'esse tempo a vida dos ricos patricios de Roma, cujas casas se pareciam menos com habitações particulares do que com aquellas cortes effeminadas dos mais poderosos reis da Asia. Não se ouviam senão vozes de cantores; coroas de rosas de Pesto, abandonadas pelos convivas, juncavam sempre o chão, e perfumes de banquete exhalavam sempre de respiradoiros semi-abertos. Todas as manhãs uma multidão de clientes atulhava o vestibulo para receber a *esportula*, ou distribuição diaria de cem quadrantes, com a qual o patrono se certificava dos votos na eleição da magistratura. Este mostrava-se ás vezes aos seus esfaimados cortezãos, passando por meio d'elles, com passo indolente e com a cabeça inclinada para o escravo *nomeador*, que lhe repetia ao ouvido o nome de cada um dos circumstantes.

O resto do dia era destinado a passeios a pé pelos porticos do Forum, ou em carro pela via Appia. Seguia-se depois o banquete da tarde, a que acudiam os parasitas, e que as mais das vezes se prolongava até dia claro.

A mesa de Claudio Corvino era afamada pela delicadeza das iguarias. O dono da casa fazia parte do senado de comedores que tinha proposto premios publicos para os que inventassem iguarias novas; e o seu cozinheiro, comprado pelo preço enorme de duzentos mil sestercios, era aquelle a quem o illustre guloso Appio fizera presente de uma coroa de prata, como ao homem mais util da republica. Por isso tambem o *triclinio* de Corvino estava sempre guarnecido de convivas pertencentes ás familias mais nobres, e ás magistraturas mais elevadas de Roma.

Ao pasmo que um genero de vida tão novo excitasse em Arvins, devia succeder-se em breve o desprezo. Criado com os habitantes frugaes da sua nação, e costumado a desprezar tudo que não acrescentava nem a força nem a sabedoria do homem, desviou os olhos com superior desdem d'aquella profusão sem alcance, e entrou a recordar-se tristemente da Armorica.

A lembrança de sua mãe estava presente sempre á sua memoria; era o unico amor que lhe restava, o interesse unico da sua vida, e esperou que, á força de indagações, chegaria a descobrir em Roma o senhor de Norva. Mas para tentar este inquerito difficil, precisava, primeiro que tudo, fazer-se entender. Entrou, por conseguinte, a estudar latim com todo o ardor que póde nascer de uma paixão unica e profunda. Desgraçadamente, a lingua afeita á rude accentuação dos celtas recusava-se-lhe a inflexões mais brandas. A memoria retinha com uma especie de rancorosa preguiça as palavras do povo inimigo, e podia dizer-se que todos os instinctos patrioticos se lhe revoltavam contra a linguagem do vencedor. Mas a vontade do seu coração, mais paciente e mais forte, conseguiu domar estas repugnancias, e ao cabo de alguns mezes já Arvins estava em estado de comprehender o que lhe diziam, e dar-lhe a competente resposta.

Começou então as suas pesquizas; mas em pouco tempo percebeu que lhe faltavam liberdade e tempo para as tornar proficuas. O seu tempo pertencia ao seu senhor, e só com difficuldade tinha por suas algumas horas do dia. Passaram-se, pois, muitos mezes sem que podesse saber coisa alguma a respeito da sorte de Norva.

Triste e desalentado, procurava descobrir de si para si qual o meio de tornar as suas indagações mais fructiferas, quando um espectaculo de que foi testimunha veiu mudar a face ás suas preoccupações.

IV

Uma tarde em que Arvins estava sentado á porta da cavallariça, com a cara encostada ás mãos e os cotovelos encostados aos joelhos, ouviu grandes gritos de alegria. Um germano, cuja diligencia e sobriedade tinham sido sempre notorias, saia da habitação dos escravos com a cabeça rapada, e cercado pelos seus companheiros, que o felicitavam. Dirigiam-se todos para a habitação principal.

— O que succedeu? — perguntou Arvins admirado.

— Vão libertar o germano — respondeu-lhe o interprete.

— Que estaes dizendo? — exclamou o joven celta. — Pois um escravo póde porventura recobrar a sua liberdade?

— Quando a pagar, póde de certo.

— E como se ha de obter dinheiro sufficiente?

— Imitando aquelle barbaro, que, vae em tres annos, só come uma vez ao dia para vender metade da sua ração, trabalha de noite, e junta todas as propinas. Conseguiu, juntando dinheiro a dinheiro, formar um peculio de seis mil sestercios, com que pagou o seu livramento.

Em quanto o interprete estava dando estas explicações ao joven celta, entrava o germano para o *triclinio*, onde Corvino estava com o pretor. Os outros escravos pararam á entrada da porta, Arvins misturou-se com elles para ver o que se ia passar.

O germano aproximou-se primeiro do senhor, que, impondo-lhe as mãos na cabeça, disse:

— Quero que este homem seja livre e goze dos direitos de cidadão romano.

Então, um lictor, collocado atraz do pretor, tocou tres vezes o escravo com o feixe das varas. Corvino agarrou-o por um braço, fel-o tornear tres vezes sobre si, e applicou-lhe um bofetão ao de leve.

— Vae, disse-lhe rindo, e lembra-te de que quando eu estiver arruinado, dever-me-has uma pensão vitalicia como meu liberto.

O germano retirou-se, e os escravos, para se despedirem d'elle, levaram-no a beber n'uma taberna proxima.

O que Arvins acabava de ver déra novo curso ás suas idéas, e fizera-lhe nascer nova esperança. Até então pensára unicamente em tornar a encontrar sua mãe, e a consolar-se em sua companhia das magoas da escravidão; mas embriagou-o a idéa de podêrem ainda um dia recobrar ambos a sua liberdade.

Com aquella resolução firme e prompta, que caracterisa os da sua raça, decidiu-se logo o joven celta a preparar o livramento commum em quanto ia proseguindo na busca. Não ignorava como era longo e difficil o proposito que tinha em vista, mas desde os mais tenros annos se costumára á paciencia, e sabia que basta esperar para ver uma bolota transformada n'um frondoso carvalho.

Tratou desde logo de cercear no seu alimento o que não lhe era rigorosamente necessario; encarregou-se, por alguns sestercios, de uma parte do trabalho dos outros escravos, empregados tambem nas



S. M. A RAINHA D. MARIA DE SABOYA

Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de C. Alberto — Pag. 305

cavallariças, e passou a noite a fabricar armas do seu paiz, que vendia depois aos curiosos.

Em quanto ás pesquizas que lhe deviam fazer descobrir Norva, essas não pôde elle continuar por muito tempo, porque tinha chegado o verão, e seu senhor partiu, com todo o estado de sua casa, para uma habitação de campo que possuia longe de Roma.

Fez-se a viagem em liteira, e em pequenas jornadas. Claudio Corvino, que se receiava com razão das hospedarias, tinha mandado levantar pelo caminho muitas *diversoriolas*, ou logares de descanço. Por fim chegaram á *villa*, que era a todos os respeitos correspondente ao palacio do monte Celio.

Arvins, que saíra de Roma com pezar, começou a ver que tinha razões para se felicitar da mudança. Tendo que viver com maior simplicidade, o senhor exigia menos serviço dos seus escravos, e deixava-lhes mais tempo livre. Além dos meios de ganhar, com que o rapazinho contava já, pôde então alugar-se por algumas horas do dia a um jardineiro visinho.

O peculio ia-lhe assim augmentando, de vagar é verdade, mas augmentando sempre. Olhava todas as noites para os denarios, quadrantes, ares e sestercios, poupados com tanto trabalho, contava-os e fazia-os tinir uns contra os outros; o ruido d'aquelle metal dava-lhe prazer simílhante ao que goza o avarento, e a cada moeda que caía no vaso de barro, onde se continha o seu thesouro, parecia-lhe ouvir quebrar um dos élos da cadeia que os retinha presos, a elle e a sua mãe.

Os habitos laboriosos de Arvins não lhe deixavam tempo de se entregar ás conversações ou aos prazeres dos seus companheiros de escravidão, de sorte que, apesar de viver com elles, quasi que lhes era completamente estranho.

Um só se aproximava mais d'elle, e parecia interessar-se nos seus esforços. Era um armênio de physionomia doce e grave, de que os outros escarneciam pela sua resignação. Nafel estava encarregado da copia dos manuscriptos com que Corvino enriquecia a sua bibliotheca. Tinha instrucção profunda e varia, a ponto que, attentando-se na sua simples modestia, o julgassem o mais simples dos homens. Podia recitar, sem se enganar uma vez sequer, as passagens mais bellas dos philosophos, dos oradores e dos poetas da Grecia; mas preferia a todos os escriptos de alguns judeus desconhecidos, que copiára para seu uso, e que relia sem cessar.

A altiva paciencia de Arvins e a sua actividade persistente tinham-lhe feito impressão; procurou ganhar a confiança do joven armoricano. Este repelliu a principio as affabilidades do velho; mas Nafel não se desconcertou, e Arvins acabou por se deixar ganhar pela affectuosa doçura do seu companheiro.

Confessou-lhe as suas esperanças; o armenio sorriu-se tristemente.



S. M. EL-REI D. LUIZ I

Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de C. Alberto — Pag. 306

— Imaginas porventura que não conseguirei nunca resgatar-me e a minha mãe? — disse-lhe o moço com inquietação.

— Não é isso de que eu duvido; mas o que has de tu fazer d'essa liberdade? Não contes com poder voltar para a tua patria; teu senhor não te deixaria. É preciso que vivas sob o seu patronato, e que o sustentes se cair em pobreza. A lei constitue-o herdeiro da metade do que tu possuires, pelo menos; e se tiver razão de queixa de ti, póde fazer-te desterrar a distancia de vinte milhas de Roma, para as costas da Campania. Aqui tens o que é a liberdade dos libertos; continuam a ser escravos com uma corrente mais comprida.

— Não importa, disse Arvins; pelo menos estarei junto de minha mãe; fallaremos ambos nas nossas ribas, nas nossas florestas, e, aguçando sempre as armas, esperarei melhores tempos.

— Queres dizer que irás vivendo com esperanças de te vingares.

— E os deuses da Armorica não me hão de atraiçoar as esperanças, disse Arvins. Chegará um dia em que os orphãos poderão ensopar no sangue inimigo a terra das sepulturas de seus paes. Conheço bem o logar onde o meu está sepultado, Nafel; ha de ficar mais vermelha do que a purpura que trajam os nossos vencedores.

A mão direita do moço celta estava estendida como se empunhasse uma espada; Nafel ia responder, mas suspendeu-se de repente.

— Ainda não é tempo, murmurou; em quanto confiares na propria força, criança, não estarás em estado de comprehender a verdade.

E envolvendo-se no manto de lã, afastou-se com a cabeça baixa e as mãos juntas.

(Continúa)

PRIMEIRA EMBAIXADA DO JAPÃO Á EUROPA

(Vid. pag. 299)

Partiram de Evora na propria caleça do arcebispo no dia 14 do mez de setembro para Villa Viçosa, corte dos duques de Bragança, a mais nobre casa e mais rica do reino, e tão chegada pelo sangue aos antigos reis de Portugal, que a ella mais que a nenhum outro principe pertencêra a successão do reino, se por direito, e não pela força e de assalto, se houvera decidido a questão por morte do cardeal rei D. Henrique. O patrimonio dos Braganças era opulentissimo, e orçava por mais de cem mil cruzados cada anno. De sorte, que o fausto e apparato com que se tratavam os duques de Bragança, e o numero e qualidade de seus familiares e criados era tão realengo, que mais visos ostentava de senhor independente, que não de duque sujeito á jurisdicção real.

Tendo pois o duque de Bragança aviso da proxima

chegada dos embaixadores japonezes, imitando a seu tio, mandou-lhes ao encontro o seu coche, no qual entraram em Villa Viçosa. Dirigiram-se logo á real capella, onde o duque os aguardava com toda a sua corte, e os veiu receber á porta da egreja, convidando-os a assistir á missa solemne que ia celebrar-se. Nota aqui o auctor a suavidade e melodia da musica, a variedade dos instrumentos musicaes, e a preciosidade dos paramentos sacerdotaes, o que tudo fazia um conjuncto de grandeza mais que ducal ou de vassallo de tão esplendido rei como era Filippe II.

Acabada a missa, foram levados á presença da duqueza mãe, D. Catharina, sobrinha illustre del-rei D. Manuel, a qual os recebeu com tanto amor, como se foram quatro filhos seus, que depois de longa viagem tornavam aos braços maternaes. Seguiu-se logo um variado e lautissimo banquete, servido com todo o apparato em preciosissima baixella de oiro e prata, que encheu de assombro os japões. A profusão de vasos de tão preciosos metaes era tal, que as proprias bacias em que se lavava a prata, eram d'este mesmo metal, e de finos lavores, para não fallar de outras mostras da real magnificencia.

De tarde, depois de outros passatempos e recreios, quiz a duqueza mãe ver de novo os embaixadores vestidos com as galas japonezas, e seroar com elles em familiar conversação. Alegrou-se muito com a vista de trajos tão desusados, e com a noticia dos costumes e coisas do Japão; e pelo vehemente da pratica em que com os senhores embaixadores se entreteve, viu-se manifestamente a sua grande piedade christã, no desejo ardente da conversão de todo o Japão ao christianismo. E para mais mostrar-lhes quanto os prezava, mandou que lhe levassem á sua camara os vestidos japonezes, e por elles talhou um elegantissimo á feição do corpo de seu filho segundo, D. Duarte, que ao seguinte dia apresentou aos embaixadores como um nobre mancebo japão, a cuja vista todos os presentes muito se alegraram e riram, admirando o primor do improvisado donzel oriental.

Tambem quiz o serenissimo duque honrar os seus hospedes com uma diversão campestre em uma sua tapada de grandissima extensão, e muito abundante de veados, javalis e outras monterias. Foi a comitiva de cento e cincoenta cavalleiros, e magnifico o divertimento, tanto pela abundante caça, como pelo jogo de cannas que se lhe seguiu, em que reluziu não menos a agilidade dos cavallos, como a pericia e mestria dos luctadores. Depois d'estas e outras similhantes provas da bizarria ducal, e do contentamento que nos reaes hospedes causára esta estranha visita, despediram-se os embaixadores dos duques e sua familia, e partiram de Villa Viçosa a 18 de setembro. Deu-lhes o duque para os gastos da jornada duzentos cruzados, além de muitas outras dadivas significativas da sua consideração, affecto e magnificencia. [1]

Passaram por Elvas, Badajoz e Mérida, e ao quinto dia de jornada, isto é, a 23 de setembro, chegaram ao famoso convento de monges de S. Jeronymo, cujo templo era dedicado a Nossa Senhora de Guadalupe, celeberrimo em toda a Hespanha por sua magnificencia, riqueza, e prodigios que, por intercessão da Virgem, Deus obrava em beneficio dos fieis que recorriam ao seu patrocinio. Diante do seu altar ardiam continuamente cincoenta lampadas de prata. Depois de receberem alli os sacramentos da penitencia e eucharistia, seguiram os senhores embaixadores o seu caminho por Talavera para Toledo, cidade que então era a capital de Castella-a-Nova.

[1] Os leitores que quizerem certificar-se melhor do fausto e grandeza da real casa de Bragança no seculo XVI, leiam n'este semanario os artigos publicados no tomo IV, pag. 33 a 47; e a descripção da viagem pelo Alemtejo do cardeal Alexandrino, legado á latere de Pio V em Hespanha e Portugal, que o sr. Alexandre Herculano extrahiu da collecção manuscripta da real bibliotheca da Ajuda, publicando-a no Panorama, vol. V da 1.ª serie, pag. 308, 338 e 409.

N'esta cidade hospedaram-se tambem no collegio que os padres da companhia alli tinham. Descreve aqui o auctor por menor esta antiga e famosa cidade, de que pede a boa razão e irmandade que digamos alguma coisa do muito que elle para aqui juntou, havendo como certo o gosto que n'isto terão os leitores.

Tem esta cidade muitos e grandiosos edificios publicos, e entre estes mais de sessenta egrejas, muitos mosteiros e conventos, e oito hospitaes. A todos estes edificios sobrepuja a cathedral, templo muito vasto, de soberba architectura, composto de cinco partes distinctas, com vinte altares de cada lado, além do altar-mór e de outro chamado dos Reis, por ser o jazigo dos antigos soberanos de Castella. Admiravel é o retabulo do altar-mór, todo de prata, com muitas imagens de finissimos lavores: e não menos o é o grande sacrario, tambem de prata, com uma estatua da Virgem com o Menino Jesus nos braços, sobre a porta do tabernaculo. Oito lampadas do mesmo precioso metal ardiam alli de dia e de noite. Do mesmo trabalho são todos os outros altares, e especialmente o da capella dos reis. Tem o côro dos conegos setenta e quatro asseptos, com bem talhados lavores artisticos de subido preço. A esta grandeza correspondem as riquissimas alfaias e vasos sagrados, entre os quaes tem a primazia uma custodia magnifica, toda engastada de pedras preciosas, em que se leva a sagrada Eucharistia nas procissões solemnes. E tão grande é ella, que, para a levarem n'uma charola ou andor, são necessarios vinte sacerdotes.

Sobresáe entre as partes d'este grande edificio, um dos mais celebres da Europa, o grande campanario de sete andares com onze sinos de fino metal, o maior dos quaes tem quarenta e seis palmos de ambito. O numero de sacerdotes do serviço d'este templo é prodigioso, e não menos o são os seus rendimentos, não cabendo ás principaes dignidades do seu cabido na repartição d'elles, menos de vinte e cinco mil cruzados em cada anno, e á do arcebispo duzentos mil, que por isso era a sua mitra havida na conta da mais rica de toda a christandade.

Outras duas obras maravilhosas se admiram n'esta cidade. Uma d'ellas é um aqueducto que leva as aguas do Tejo desde a ribeira até ao plano da cidade, em que sóbe á altura de não menos de quatrocentos e cincoenta palmos, por meio de varios engenhos hydraulicos movidos por duas rodas que trabalham na parte inferior. É a outra um relogio, que tendo apenas quatro palmos de alto, descreve todos os movimentos e rotações dos corpos celestes, e das estrellas errantes, o nascimento e o occaso dos doze signos do Zodiaco, e o curso do sol e da lua, sem haver um unico dos movimentos do ceo que os astronomos contemplam, que não se represente alli pontualissimamente nos seus proprios annos, mezes e dias, não faltando sequer a indicação do aureo numero e da letra dominical correspondente a cada anno. Consta esta obra de mil e oitocentas espherasinhas, e gastaram-se na sua construcção e collocação vinte e tres annos. Foi auctor de ambas o italiano Jannello Turriani, natural de Cremôna, e afamado em toda a Europa. O imperador Carlos V, e seu filho el-rei D. Fillippe II de Hespanha, deram-lhe generosa recompensa por estas raridades de bem merecida reputação. [1]

Vinte dias se demoraram os japões em Toledo, por causa da doença de bexigas de que adoeceu Miguel Cingiva, um dos embaixadores. E neste tempo foi grande o agasalho que receberam assim dos padres, em cuja casa residiram, como de D. João de Mendoza, arcediago da sé de Toledo, e depois cardeal da egreja romana, pois não só os visitou muitas vezes, e levou em seu coche a ver os melhores edificios da cidade, mas tambem os banqueteou em sua casa lau-

[1] Veja-se a descripção de Toledo n'este semanario, t. II pag. 137.

tamente, e como grande senhor que era, e da nobilissima familia dos duques do Infantado. Demais foram visitados por muitos outros fidalgos e grandes do reino, que por diversos modos lhes mostraram a sua estimação e benevolencia.

Finalmente, a 19 do mez de outubro partiram para Madrid, onde chegaram no seguinte dia, e saíram a encontral-os muitos senhores da flor da nobreza d'aquella então famosa corte em seus coches e liteiras, em que os receberam e levaram ao collegio da companhia, cujos padres os acolheram extremosamente, levando-os logo á sua egreja, a dar graças a Deus da prospera chegada a esta cidade.

(Continua) A. J. F.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(FRAGMENTO)

DESDE A PAZ COM HESPANHA ATÉ AO CASAMENTO DO REGENTE

(Vid. pag. 287)

Schomberg calculava poder augmentar o contingente francez na retirada com 300 a 400 cavalleiros e seus officiaes, e com alguns infantes, tambem dos melhores de todas as tropas portuguezas; e ainda mais obteria se tivesse auctorisação do seu governo para lhes dar em Lisboa simplesmente o soldo, desde o dia em que fossem licenciados até ao dia do embarque, a razão de quinze réis os de cavallaria, e de cinco réis os de infanteria, com promessa de lhes pagarem e de os accommodarem em França, como os francezes o tinham sido em Portugal. Receiando que aquella gente passasse a Hespanha, se não a contratassem para França, coisa que era de consequencia para o serviço de Luiz XIV, o marechal chegou a resolver-se a tomar sobre si a responsabilidade do arbitrio de os contratar, porque o caso era urgente, e podiam os officiaes que a isso se offereciam cançar-se da irresolução, e voltarem-se para o lado da fronteira, que fazia quanto podia para attrahíl-os. No exercito de Portugal apenas haveria dois mil soldados aventureiros; o resto desejára retirar-se a suas casas, não se prestava a continuar a servir, e muito menos fóra do paiz.

Na incerteza em que os officiaes francezes estavam se teriam embarcações para passarem os cavallos, difficultavam-se a tomar conta d'elles. Obtidos os meios de transporte, ser-lhes-hia facil passarem mil, que seriam de grande auxilio á França, sobre tudo na Catalunha.

O processo ácerca da annullação do matrimonio da rainha proseguia, mas lentamente para os desejos do seu partido. Os hespanhoes pareciam entraval-o quanto indirectamente lhes era dado fazerem-n'o. Fallavam mesmo de uma irmã do imperador da Allemanha para esposa do principe, talvez mais para embaraçar e perturbar o enlace que se premeditava, que para o concederem. Ainda assim isto produzia alguma inquietação, mesmo porque, depois da assignatura da paz, via-se generalisado o voto dos que desejavam que para o casamento da rainha se mandasse a Roma pedir dispensa ao papa, crendo que elle não podia ter n'isso difficuldade.

Para a viagem de Roma punham olhos no abbade Bani. Informado d'isto, e de que a propria rainha de Portugal lhe fallaria a tal respeito, accordaram os dois abbades, Bani e Saint-Romain, que aquelle se prestaria de boa vontade a tal missão, mas que sería depois de feito o casamento. N'este sentido Bani escreveu uma memoria, para mostrar, que, em consciencia e sem escrupulo, podiam proceder do modo que propunha. Os jesuitas tambem provavam n'um livro, que se reputava douto, que a dispensa não era necessaria. O confessor do principe era do mesmo parecer. Se depois d'isto (diziam os francezes) o principe e seus confidentes não tomassem aquelle partido, haveria motivo para crer que a sua intenção não era realisar o casamento, antes tinham caído no laço armado pelos castelhanos, nos discursos que começavam a fazer ácerca de uma liga do principe com elles, e do já alludido casamento com a irmã do imperador.

Como já dissemos, os braços do povo e do clero tinham sido de opinião da coroação de D. Pedro. Só no braço da nobreza estava a opinião dividida. Á vista d'isto, a propria rainha tinha julgado a mesma coroação infallivel, o que o seu partido desejava ardentemente. Contra as esperanças que o principe fizera conceber á rainha a tal respeito, punha agora algumas difficuldades a acceitar o titulo de rei, e a coisa continuava ainda incerta. No conselho de estado do dia 23 tratára-se d'isto. Só dois votos eram positivamente contrarios á coroação; o do marquez de Gouvêa e o do conde dos Arcos. O conde de Val-de-Reis e o arcebispo de Braga disseram que, havendo doutores a favor de uma e outra opinião, ao principe competia escolher. O partido francez, que nas menores reticencias achava já motivo para temores, admirava-se de que, estando o negocio em tal estado, o interesse e consideração devidos á rainha não demovessem D. Pedro. Suppunha tambem que o principe nunca fundaria solidamente a sua auctoridade, nem asseguraria o socego do reino, sem aquelle titulo. O braço do povo parecia perseverar na resolução de o proclamar, e ameaçava, se o principe o não consentisse, de se dissolver, retirando-se cada um a suas casas.

(Continua) José de Torres.

SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

ANTIGA CASA PROFESSA DOS JESUITAS EM S. ROQUE

(Vid. pag. 294)

É de notar, que encarecendo tanto o chronista da companhia esta obra do tecto da sua egreja de S. Roque, não cite o nome do constructor, dizendo apenas *que viera um famoso architecto mandado por el-rei catholico D. Filippe, o Prudente, traçar esta obra.*

Parece que este architecto caíra, por algum motivo, no desagrado dos jesuitas, porque até n'uma memoria manuscripta, que se conserva na bibliotheca nacional de Lisboa, feita por um padre do collegio de S. Francisco Xavier (vulgò Collegiinho), tratando-se largamente da egreja de S. Roque, tambem ahi se cala o nome do architecto, como se estivesse excommungado, dizendo o auctor apenas o seguinte:

«Filippe II, que a esse tempo se achava em Lisboa, mandou-a fazer ao seu famoso architecto, que tambem se achava em Lisboa, e foi o que traçou a fábrica do sumptuoso templo de S. Vicente, e no palacio real a insigne obra da sala em que se recebem os embaixadores, que vulgarmente se chama a «casa do forte», por se ter fundado sobre os fundamentos de um que no dito sitio se intentou fazer. E a este famoso architecto mandou el-rei, para fazer graça aos padres de S. Roque, que traçasse a obra do tecto da egreja, no melhor modo que a sua arte alcançasse.»

Por estas indicações sabemos que foi Filippe Terzo, insigne architecto italiano ao serviço de Filippe II, que veiu com elle a Portugal, e deu o risco para a egreja de S. Vicente, e para a sala dos paços da Ribeira.

Continúa Balthasar Telles na sua chronica a descrever a egreja de S. Roque pela parte exterior, dizendo:

«Fez-se tambem, para maior segurança e ornato da

obra, á roda do templo, pela parte de fóra, outra cornija de pedra, com um largo passadiço, pelo qual vae aberto um cano, tambem de pedraria, por onde descem as aguas que escorrem do telhado. Á roda d'esta cornija vae uma varanda com seus pilares, tudo tambem de marmore, e que serve não menos para ornato do edificio que para segurança das pessoas que por ella andarem.

A serventia que leva a esta varanda, ao tecto e ao telhado, são duas formosas escadas, cada uma correspondente á outra, junto aos dois cunhaes do cruzeiro, as quaes não são cocleadas, como ordinariamente costumam ser, mas tem seus taboleiros a seus postos, suas voltas com degraus, de dois em dois e de quatro em quatro; tudo de pedraria mui forte, larga e bem escodada, em fim, obra grandiosa.

Cobriu-se o tecto de fóra com laminas e pastas de chumbo, e contentou muito a invenção, assim por ser nova, como por se persuadirem que ficava a obra mais duravel; porém o tempo (que é o juiz que mais desinteressadamente e melhor approva ou reprova as obras que a novidade inventa), nos ensinou que as laminas de chumbo não vedam tão bem a agua; e assim, tirado o chumbo, se forrou com telhado ordinario ao modo antigo [1]; que em fim a novidade, ainda que tem boa graça de contentar, nem sempre tem o bom logro de approveitar; e ainda que causa admiração, nem sempre traz satisfação; e mais vale a experiencia antiga que a especulação curiosa, porque a experiencia, como ensina Aristoteles, é mãe das artes, e a novidade é o principio dos erros.



Fortes do Ilhéo e da Pontinha na ilha da Madeira

Não diz este chronista como era a primitiva fachada da egreja de S. Roque; porém o manuscripto a que já nos referimos, faz d'ella esta breve descripção:

«No frontispicio da egreja não ha obra singular, sendo que a merecia pelo excellente sitio que occupa; e assim pela parte de cima se termina com um triangulo de pedra, que toma toda a sua largura; e ao remate do dito triangulo se segue por baixo um nicho, ao qual acompanham de cada parte duas columnas de pedra, ficando dentro do nicho a imagem do Salvador do mundo com um globo na mão, e sobre elle uma cruz.

Logo pela parte inferior do nicho se vêem tres grandes janellas guarnecidas de marmore branco, todas de vidraças, as quaes ficam sobre o côro, servindo não só de dar luz a elle, mas a toda a egreja. Além d'estas janellas tem mais duas o frontispicio, que são quasi quadradas, e não só acrescentam muita luz ao côro, mas do mesmo modo á egreja.

Depois das ditas janellas e dos pilares que se vêem do frontispicio, não ha outra obra mais que as tres portas pelas quaes do adro se faz entrada para a egreja.»

Pelo terremoto de 1755 desabou a varanda e passadiço que havia sobre a cimalha, bem como o triangulo ou frontão que tinha o nicho, e assim esteve muitos annos, até que se lhe fez novo triangulo com uma cruz de ferro, tal qual a nossa estampa desenha.

Actualmente estão-se fazendo obras n'esta egreja, restaurando-se a pintura do tecto, que no seu tempo foi tida por obra de tanto primor, que os jesuitas a mandaram abrir em laminas de cobre.

(Continúa)

[1] Isto mesmo aconteceu ao tecto do theatro de D. Maria II, que foi a principio forrado de laminas de zinco, e ultimamente teve de ser telhado quasi ao modo usual.

FORTES DO ILHÉO E DA PONTINHA

(ILHA DA MADEIRA)

Já démos a vista do porto do Funchal formado pelo cabo Grajão e pontal da Cruz [1] na costa do sul. Hoje apresentâmos a bahia da costa do norte, defendida pelos fortes do Ilhéo e da Pontinha, desenhados da parte de oeste.

Esta costa, por muito escarpada, pela raridade de praias e enseadas, e pela violencia dos ventos do norte que alli sopram a maior parte do anno, é inhospita para os navios, tendo apenas dois portos de refugio, o do Moniz e o da Cruz.

Pelo contrario, a costa do sul dá ancoradoiro seguro até para as maiores esquadras de guerra, ou para grandes frotas mercantes.

A cidade é defendida da parte do mar por uma cortina com oito fortes, um dos quaes é o da Pontinha, que está desenhado na gravura junta, além da fortaleza ou castello do Ilhéo, que é um grande rochedo que fica no meio do mar, egualmente representado na gravura. Este forte serve de registo do porto.

D'esta bahia desfructam logo os viajantes o sublime panorama da cidade, que se ergue da raiz de uma alterosa serra, cujas encostas, recamadas de virentes plantas, fazem sobresair as esbeltas casas de campo, e no alto a egreja de Nossa Senhora do Monte. Apesar da devastação que tem tido as florestas, ainda nas serras mais remotas do Funchal ha grandes mattas, frondejando, entre as mais soberbas arvores, o vinhatico, o til e outras. Ha annos a esta parte tem alguns proprietarios feito importantes plantações florestaes, o que restituirá á ilha a antiga riqueza que lhe deu o nome que ainda conserva.

Tambem agora, em consequencia da molestia das vinhas, se tem de novo recorrido á cultura da canna de assucar, alli introduzida pelo memoravel infante D. Henrique, e tão bem aclimada n'aquelle abençoado torrão, que em 1501 recebeu el-rei D. Manuel participação de que n'esse anno se tinham fabricado na ilha da Madeira 63:800 arrobas de assucar. Em 1552, diz João de Barros na *Decada* I, que tres legoas de canna de assucar na Madeira davam ao quinto mais de 60:000 arrobas. Bluteau, que escreveu nos principios do seculo passado, assevera que n'aquella ilha houvera já 150 engenhos, que rendiam 400:000 arrobas.

É sabido que da Madeira é que os portuguezes levaram ao Brasil a canna de assucar, que é hoje a principal riqueza d'aquelle imperio.

Posto que a principal opulencia d'esta ilha provenha dos seus famosos vinhos, em quanto não cessar de todo o mal das videiras, a cultura do assucar póde bem vir a remediar tão grande falta.

[1] Vid. o n. 35 d'este volume.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.